

O Ensino da Epigrafia em Portugal

Por

José d'Encarnação *

Ciência auxiliar da História, a Epigrafia ocupa-se das inscrições sobre materiais duros (pedra, metal, madeira). Sobretudo no estudo da Antiguidade, mas também no da Idade Média, a Epigrafia traz para a História um extraordinário contributo, já que as inscrições (honorárias, funerárias, votivas, monumentais, legislativas, etc.) se revelam muito mais numerosas e em melhor estado de conservação do que os escritos em materiais brandos.

Pode dizer-se que, desde épocas bem recuadas, a Epigrafia serviu a cronistas e historiadores no fornecimento de dados históricos. Tipos de letras, abreviaturas, estilos, requerem uma aprendizagem especial e obedecem à aplicação de técnicas, critérios e formulários bem próprios e distintos de qualquer outra ciência auxiliar da História.

As vicissitudes por que passou o ensino da Epigrafia em Portugal, seus principais mestres e algumas das publicações da especialidade, tudo isso nos é aqui apresentado, numa síntese cheia de vigor descritivo.

O dinamismo actualmente pressentido no domínio da ciência epigráfica justifica breves linhas a servir de subsídio para a história da investigação epigráfica em Portugal.

Já Abel Viana sentira a necessidade de fornecer, em pequena síntese, uma panorâmica dos núcleos epigráficos e da actividade dos epigrafistas até ao seu tempo («Arquivo de Beja» XVIII-XIX 1961-62, p. 108-113). E, de facto, ao folhearmos

as páginas dos volumes da *Bibliografia Arqueológica Portuguesa* relativos a 1950-59 (Lisboa, 1973) e 1960-69 (Coimbra, 1970), é fácil apercebermo-nos da multiplicidade de artigos que, sobre Epigrafia ou com base na Epigrafia, se têm publicado entre nós, saídos da pena do P.^o Eugénio Jalhay, de D. Domingos de Pinho Brandão, de Scarlet Lambrino, D. Fernando de Almeida, Fernando Bandeira Ferreira, Justino Mendes de Almeida, Mário Cardozo e outros.

(*) Assistente do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Não querendo repetir o que recentemente publicámos acerca das várias fases da investigação epigráfica em Portugal (*Sociedade Romana e Epigrafia*, Setúbal, 1979, p. 15-26), vamos aludir ao ensino da Epigrafia e ao papel relevante desempenhado neste domínio por Coimbra nos últimos anos.

O LUGAR DA EPIGRAFIA NA FACULDADE DE LETRAS

Foi José Leite de Vasconcelos quem, por primeiro, leccionou Epigrafia em Portugal. Dessa actividade docente nos dá conta n' *O Archeologo Português*, XV, 1910, p. 333-336. No ano lectivo de 1899-1900, por exemplo, a Epigrafia ocupou lugar dominante nas suas preocupações: as aulas foram dadas no museu do Carmo e os sumários assinalam que se falou da importância da Epigrafia como fonte histórica, da lingua dos textos, do material dos monumentos e dos vários tipos de inscrições. Em 1900-1, dois temas principais: o exame do CIL II — cujo autor, Emilio Hübnér, falecido a 21 de Fevereiro de 1901, mereceu de Leite de Vasconcelos pomnoriada referência nas aulas — e as inscrições visigóticas.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o lugar da cadeira de Epigrafia no plano dos estudos variou segundo as reformas, válidas também de resto para as demais Faculdades de Letras do País:

— Criada a Faculdade, pelo decreto de 19 de Agosto de 1911, e aprovados os seus cursos, a Epigrafia figura no curso de Ciências Históricas e Geográficas como uma das ciências auxiliares da História.

— Pela reforma de 1918, a Epigrafia manteve-se nesse curso, mas passou a ser uma cadeira do 3.º ano, trimestral, com quatro aulas semanais (duas teóricas e duas práticas), ministrada em conjunto

com a Paleografia durante o primeiro semestre.

— Com a reforma de 1930, passa a semestral, com os mesmos tempos semanais, figurando no elenco das cadeiras obrigatórias dos cursos de Ciências Históricas (1.º ano) e de Filologia Clássica (2.º ano).

— A reforma de 1957 poucas alterações introduziu: a Epigrafia permanece disciplina do 1.º semestre, no 1.º ano de Histórico-Filosóficas (reforma de 1930), mas passa a ser do 2.º ano no novo Curso de História (agora autónomo) e do 3.º ano de Filologia Clássica.

— Com a reforma de 1968, a Epigrafia conhece um certo declínio: deixa de ser obrigatória em Filologia Clássica e é relegada para o 1.º semestre do 4.º ano de História, mantendo ainda os mesmos quatro tempos semanais.

— Em 1975, quando a Faculdade pôde finalmente organizar o seu próprio plano curricular, criaram-se as pré-especializações de dois anos após o bacharelato (de três anos). A Epigrafia Latina recupera, nessa altura, o seu lugar: passa a anual e obrigatória na Pré-especialização em Arqueologia Clássica (do curso de História), mantendo-se opção para Filologia Clássica. Com essas características funciona pela primeira vez no ano lectivo de 1975-76.

— Em 1978, por força do Decreto-Lei n.º 53/78, de 31 de Maio, o plano de estudos da Faculdade voltou a ser alterado e a Epigrafia volta a simples cadeira de opção, semestral. Mas como tal apenas funcionou em 1979-80, paralelamente com a Epigrafia Latina (anual) da pré-especialização (cujo currículo só caducou efectivamente no ano lectivo de 1980-81). No entanto, nesse mesmo ano de 1980-81, entrou em funcionamento na Faculdade a variante em Arqueologia (criada pela portaria 268/81, de 13 de Março), em cujo currículo a Epigrafia, mantendo o seu carácter de disciplina anual, figura no

segundo ano como optativa em relação à Numismática, aconselhando-se, porém, os alunos a fazerem uma e outra.

OS PROFESSORES

Ao longo destes setenta anos, diversos professores garantiram a regência da cadeira. O primeiro foi ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS, desde 1912 a 1927. A dois investigadores ligados mais directamente à História de Portugal também foi pedida a colaboração: DAMIÃO PERES (de 1929 até presumivelmente 1934) e TORQUATO DE SOUSA SOARES (de 1944 a 1947). O professor JOSEPH PIEL, bem conhecido pelos seus trabalhos de Linguística, leccionou Epigrafia em dois períodos: de 1939 a 1941 e de 1947 a 1953. Ligada como está aos Estudos Clássicos, por duas vezes se pediu a docentes do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade que se encarregassem da cadeira: MANUEL DE OLIVEIRA PULQUÉRIO leccionou-a de 1959 a 1961 e WALTER DE SOUSA MEDEIROS no ano lectivo de 1962-63.

Foi, porém, o P.^o AVELINO DE JESUS DA COSTA quem mais anos se manteve à frente da cadeira. Leccionou-a desde 1953 a 1958, em 1961-62 e desde 1963 até 1973. A ele se deve o primeiro manual português de Epigrafia, **Apontamentos de Epigrafia** (Coimbra, 1972); publicado sob a forma de «sebenta» para os estudantes, resume clara e eficazmente os dados fundamentais, não só no domínio da Epigrafia Latina mas também no que diz respeito às inscrições cristãs e medievais.

*
* *

Não foi a Epigrafia dos domínios mais procurados para a elaboração de teses de licenciatura. Contudo, algumas se fizeram na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; citamos:

- Maria de Lourdes Rodrigues, **Antroponímia Romana da Lusitânia** (1958);
- Maria de Lourdes Taborda Tavares, **Subsídios para o estudo dos símbolos e motivos ornamentais das estelas e cipos funerários lusitano-romanos** (1964);
- Ana Maria Nascimento Coutinho, **Subsídios para o Estudo dos Marcos Milários em Portugal** (1967);
- Ana Cândida da Silva, **Subsídios para o Estudo da Epigrafia Romana em Portugal** (1968).

Todas se encontram apenas dactilografadas.

*
* *

A nossa entrada para o corpo docente da Faculdade coincidiu com um certo renascer dos estudos epigráficos, de que a publicação, pelos professores Robert Étienne e Georges Fabre, do volume II das **Fouilles de Conimbriga** (Paris, 1976), dedicado às inscrições daquela cidade romana pode ser considerada um sintoma eloquente. Logo no volume XV (1976) da revista «Conimbriga», do Instituto de Arqueologia da Faculdade, os estudos epigráficos ocupam 7 dos 15 artigos publicados e metade das recensões bibliográficas. De então para cá, a «Conimbriga» é seguramente a revista portuguesa que mais espaço tem dedicado à Epigrafia.

Para fazer face às múltiplas solicitações que chegavam ao Instituto, oriundas dos grupos de defesa do património espalhados pelo País, decidiram os Institutos de Arqueologia e de História do Arte lançar os Cadernos de Arqueologia e Arte, cujo 1.^o volume foi justamente a **Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina** (Coimbra, 1979), estando programada também a reedição dos **Apontamentos de Epigrafia Portuguesa**, de José Maria Cordeiro de Sousa. Para complementar a **Introdução**, acedemos também a publicar, por solici-

